

UMA CIDADE SEM PASSADO

Nadia C. Del Monte Kojo. Orientadora: Dra. Maria Aparecida C. Ribeiro Papali

¹ Mestrado Planejamento Urbano e Regional/IP&D/UNIVAP, nadia_cdmk@hotmail.com

² Laboratório de Pesquisa e Documentação Histórica/IP&D/UNIVAP, papali@univap.br

Resumo- O presente artigo se propõe a abordar dinâmica do espaço urbano e a responsabilidade do planejador em criar identidades e fornecer as ferramentas necessárias para a formação do ser histórico, do indivíduo enquanto cidadão. Para tanto, procura analisar o filme “Uma Cidade Sem Passado”, de Michael Verhoeven, à luz de algumas discussões estabelecidas por Michel de Certeau em seu livro *A Invenção do Cotidiano*, Milton Santos em seu artigo intitulado *Por um Modelo Brasileiro de Modernidade*, disponível no site do Correio Braziliense e pelos arquivistas Ramón Fugueras e Cruz Mundet, em *Archivese – Los Documentos del poder y El poder de los documentos*, que tratam a respeito da importância do patrimônio para a formação da cidadania e da história.

Palavras-chave: Planejamento Urbano, História, Memória, Arquivologia.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução

O Artigo *Uma Cidade sem Passado* é resultado do trabalho exigido como conclusão da disciplina: Planejamento e outros Sentidos da Cidade, oferecido dentro do curso de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da UNIVAP.

Por se tratar de uma disciplina vinculada à área de História dentro do programa de Planejamento Urbano, o artigo visa compreender a dinâmica do espaço urbano e a responsabilidade do planejador em criar identidades e fornecer as ferramentas necessárias para a formação do ser histórico, do indivíduo enquanto cidadão.

Metodologia

Para que os objetivos sejam alcançados, analisar-se-á o filme *Uma Cidade sem Passado*, de Michael Verhoeven, através das discussões estabelecidas por Milton Santos, Michel de Certeau e dois arquivistas espanhóis.

Resultados

Com o presente Artigo espera-se compreender a dinâmica do espaço urbano e a responsabilidade do planejador em criar identidades e fornecer as ferramentas necessárias para a formação do ser histórico, do indivíduo enquanto cidadão.

Discussão

Segundo Milton Santos, “a história pode ser vista como um fluxo ininterrupto, onde passado e futuro se entrelaçam num presente mais ou menos revelador dos processos responsáveis pelas grandes mudanças. Estas nem sempre são

percebidas, porque tem suas origens em movimentos de fundo, acelerações até então desconhecidas e com a entrada em cena de novos atores. É assim que se dão as rupturas e novos objetos, novas paisagens, novas relações, novos modos de fazer, de pensar e de ser que se levantam e difundem”. (http://www2.correioweb.com.br/cw/2000-10-15/mat_12941.htm; 2000)

Pensando-se nessas considerações acerca da história e de seus personagens, na constatação de que a cidade é um desses personagens, pois é o espaço onde as políticas públicas são estabelecidas e que está em constante movimento e, levando-se ainda em consideração os conceitos de Michel de Certeau, que a entende como um sistema vivo, onde as relações históricas e sociais aí estabelecidas a caracterizam e a fazem evoluir, pode-se concluir que a cidade possui uma dinâmica própria, que ao mesmo tempo produz espaços disciplinares e os reinterpreta constantemente. É essa dinâmica que permite o homem se inserir na história como um agente social, capaz de produzir sua memória e alcançar sua cidadania. Não há identidade sem memória e, portanto, sem história.

Mas, como o próprio geógrafo coloca, “as relações estabelecidas nem sempre são percebidas, porque tem suas origens em movimentos de fundo, acelerações até então desconhecidas e com a entrada em cena de novos atores”. (SANTOS; 2000). Assim, como e onde poder-se-á encontrar os panos de fundo de nossa sociedade? Onde encontrar-se-á a cidade planejada e o pedestre, que nela caminha?

Curiosamente, em 1989, durante a reunificação das Alemanhas, surge o filme *Uma Cidade sem*

Passado, sob a direção de Michael Verhoeven, que permite materializar estas questões.

O filme baseado em uma história verdadeira, embora com personagens fictícios, se passa em uma pequena cidade alemã, dominada anteriormente pelo III Reich e vivendo em 1989, sob a égide da Democracia Liberal, mostra uma sociedade, que embora denominada democrática foi construída tendo como pano de fundo o silêncio, resultante do olhar e das necessidades de uma elite dominante, para a manutenção de seu poder, da ordem social desejada, da visão de uma cidade e de uma comunidade sem desvios, católica por tradição. Mas, também, mostra a necessidade dessa mesma sociedade em falar, pois ao mesmo tempo em que se permitiu ser silenciada, traz em sua memória e em seu espaço, sua história.

Essa história é revivificada quando uma jovem (Sonia Rosenberger) parte em busca e encontra o passado de sua comunidade, enfrentando diversos obstáculos, como o sumiço de documentos e ameaças à sua vida e de sua família.

Durante a sua pesquisa histórica, Sonia descobre a verdadeira cidade, bem como as atividades das pessoas durante o nazismo. Através da leitura de sua identidade social, descobre que não há identidade sem memória e sem história e que elas são construídas no tempo, permeadas por interesses, ideais e sonhos variados. O filme aborda a História e a importância da pesquisa para esclarecer os processos históricos e permite analisar a cidade-panorama de Certeau e o andar do pedestre por essa cidade: "... o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaços pelos pedestres". (CERTEAU; 1994)

Ao assumir as palavras de Milton Santos, já citadas, tem-se em Michel de Certeau, um grande aliado para a discussão do pretense silêncio que os planejadores buscam encontrar em nossa sociedade.

Em seu livro, *A Invenção do Cotidiano*, Michel de Certeau, expõe sua recusa em aceitar a linearidade e homogeneidade de nossa sociedade a partir de um modelo imposto pela elite dominante, ele se propõe a dar voz aos silenciados e anônimos que a percorrem e desta forma, se torna peça chave para as discussões acerca das questões relativas às cidades e seu planejamento, sucitadas através do filme.

Michel de Certeau é assim descrito por Luce Giard: "Sua não-credulidade diante da ordem dogmática que as autoridades e instituições querem sempre organizar, sua atenção à liberdade interior dos não-conformistas, mesmo reduzidos ao silêncio, que modificam ou desviam a verdade imposta, seu respeito por toda resistência,

ainda que mínima, e por toda forma de mobilidade aberta por essa resistência, tudo isso dá a Certeau a possibilidade de crer firmemente na liberdade gazeteira das práticas. Assim, é natural que perceba microdiferenças onde tantos outros vêem obediência e uniformização". (CERTEAU; 1994)

Já, o filme, logo em sua abertura, apresenta a protagonista relatando acerca de sua cidade, tendo atrás de si o monumento que lhe deu origem, a Catedral. Nesse momento, compreende-se que a cidade fictícia retratada é uma cidade da Alemanha Ocidental denominada no filme de Pfilzing, cujas bases urbanísticas e sociais se deram ao redor do cristianismo. Aqui, assim como no restante do filme, a intenção é de mostrar uma sociedade que embora pertencente ao século XX, é dominada pelos dogmas católicos, onde há o domínio político da Igreja versus o do poder laico, que, por motivos ideológicos não podia tolerar o livre-pensamento, ela devia controlar o ensino e todo o pensamento da sociedade, mas que acabou por perdê-lo. No correr da história demonstram-se como os dogmas do Cristianismo, foram utilizados pela administração como uma força política, capaz de controlar os desvios sociais.

Sonia é envolvida por esse clima durante toda sua infância, ou seja, é católica, estuda em colégio de freiras e foi criada para não questionar, contudo nesse mesmo espaço, existem as contradições, os pedestres, que falam, demonstrando a dinâmica social no espaço. O pai de Sônia, refugiado político da Guerra da Silésia, professor e reitor do colégio local, um dos personagens questionadores da realidade estabelecida, embora aceite em vários momentos as imposições dos dogmas da Igreja católica e da administração, como o restante da cidade. A mãe de Sônia, católica tradicionalista, irmã de padre, professora do colégio local e que não apóia as idéias da filha. A avó de Sônia, personagem sempre citada pela protagonista, simboliza o amadurecimento, o passado, a história e também a resistência. E por fim, a professora de latim que acaba por proporcionar à Sonia a oportunidade de participar dos concursos literários promovidos pelo Presidente da República Alemã e que mesmo sem querer romper com os silêncios e sem intenções de promover a discussão do passado da cidade, introduz Sonia no caminho rumo à recuperação da memória coletiva.

Aqui, abre-se um espaço especial para se falar de Sonia: Sonia é o nome dado à personagem principal, com educação e valores tradicionais, que embora seja a principal pedestre diagnosticada no filme, não anda sozinha, possui sua avó e outros personagens que aparecem no desenrolar do filme como agentes sociais e culturais também questionadores e, portanto agentes que modificam a paisagem da história.

Segundo Certeau, pedestre é aquele que atualiza as realidades, que rompe com a cidade planejada, que interfere na horizontalidade desejada pela elite dominante, são os considerados marginais, os que estão à margem. Eles refletem as práticas no espaço, produzindo o sentido da história, a dinâmica da sociedade. Para ele, “o ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (o speech act) está para a língua ou para os enunciados proferidos (...) é um processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o locutor se apropria e assume a língua); é uma realização espacial do lugar (assim como o ato da palavra é uma realização sonora da língua); enfim implica relações entre posições diferenciadas, ou seja, “contratos” pragmáticos sob a forma de movimentos (assim como a enunciação verbal é “alocução”, “coloca o outro em face” do locutor e põe em jogo contratos entre locutores)”.(CERTEAU; 1994)

Outro monumento importante que aparece no filme é a “Árvore dos Milagres”, local de refúgio para as meninas da cidade, onde a tradição local dizia haver uma força. No filme ele é colocado como um monumento, como a casa das relíquias, o lugar do encontro do “eu”, como um local onde as meninas da cidade sentem-se *voyers*. Ela pode ser também entendida como o lugar de contemplação da cidade, de sua urbanização e de seus mecanismos de controle. Ou parafraseando Certeau, quando trata a respeito do *voyerismo* na cidade de Nova York: “Aquele que sobe até lá no alto foge à massa que carrega e tritura em si mesma toda identidade de autores e de espectadores”. (CERTEAU; 1994)

A vitória de Sonia no primeiro concurso abre as portas para que ela conheça novas realidades em sua viagem à França (prêmio), como um rito de passagem de sua infância tranqüila, sem questionamentos para sua adolescência e fase adulta, de questionamentos de formação de cidadania e de sua característica de pedestre. Quando Sônia se une aos outros grupos sociais questionadores da sociedade e do silêncio da cidade, como a sua avó e os membros da resistência na figura de um deles, ela estabelece sua identidade de pedestre.

Sonia volta à sua cidade diferente do que foi. A cultura a história de outra cidade e de outras pessoas que lhe acompanhavam a modificam. Simbolicamente, Sonia, aqui, é o espaço, e a cultura francesa em conjunto com as outras culturas são os lugares, que em conjunto reformularam o “antigo”, espaço.

O filme vai desenrolando. Sonia acaba se casando com um antigo professor e é novamente consultada para participar de um segundo concurso.

Durante sua caminhada, Sonia enfrenta problemas com a documentação, com o medo da população diante da reabertura das discussões acerca do nazismo que haviam se encerrado e ao mesmo tempo diante dos preconceitos e do ideário nazista que ainda persistia e diante do poder adquirido pelos que haviam sido envolvidos com o III Reich. Nesse momento vê-se a necessidade de apagar do ideário o pedaço da história da cidade que na época era e ainda é hoje considerado um período negro e triste, um momento em que se busca esquecer os monumentos edificadas de sofrimento e dor dos que foram politicamente considerados marginalizados, como os campos de concentração e a própria memória social.

Sonia se depara com os silêncios sociais em contraste com a ânsia de falar de alguns. Luce Giard, em nome de Certeau escreve então a respeito desse tema: “Parecendo por fora submeter-se totalmente e conformar-se com as expectativas do conquistador, de fato “metaforizavam a ordem dominante” fazendo funcionar as suas leis e suas representações “num outro registro”, no quadro de sua própria tradição”. (CERTEAU; 1994)

Apesar de toda a resistência Sonia não desiste e avança. E, novamente, este trecho lembra as palavras de Certeau, na fala de Luce Giard: “Sempre é bom recordar que não se devem tomar os outros por idiotas. Nesta confiança posta na inteligência e na inventividade do mais fraco, na atenção extrema à sua mobilidade à sua mobilidade tática, no respeito dado ao fraco, sem eira nem beira, móvel por ser assim desarmado em face das estratégias do forte, dono do teatro de operações, se esboça uma concepção política do agir e das relações não igualitárias entre um poder qualquer e seus súditos”. (CERTEAU; 1994)

Sonia, se deparando com os silêncios parte em busca de documentos que comprovem a história da cidade e que desmascarem o que ela sentia haver escondido nas entrelinhas dessa história, contudo, como no *panoptismo* de Foucault, Sonia passou a ser vigiada por uma rede de personagens que vão desde a elite dominante, seus professores até os habitantes e amigos da família.

Documentos são ocultados da protagonista, forçando-a a entrar na justiça para obtê-los, como na cena onde a desculpa está baseada na questão da necessidade de resguardar direitos de terceiros ou sob outras diversas, como a do seu avançado estado precário de conservação, do empréstimo e da atualização do suporte. Aqui surge outro tema que é importante para a criação e fomentação da cidadania dos pedestres: a documentação.

Os documentos são armas eficazes para a administração pública e para os cidadãos no controle dos atos administrativos, na transparência

administrativa, importante e imprescindível para os regimes democráticos, e na busca de seus direitos e regulamentação de seus deveres, assim como da comprovação do passado histórico.

A esse respeito, Ramón Alberch Fugueras e José Ramón Cruz Mundet observam que os documentos são produzidos e conservados por três motivos. O primeiro para a gestão administrativa, como apoio para as tomadas de decisões e como valor probatório. Num segundo momento, servem como recurso básico de informação aos cidadãos e garantia da transparência administrativa, quando permite aos cidadãos questionar através deles todos os assuntos de seus interesses. E por fim, os documentos, com o passar do tempo, adquirem valor histórico, servindo como objeto de pesquisa e de divulgação cultural.

Sonia, no filme, não desiste, parte em busca de aliados, de outros pedestres, encontrando-os, como no caso de sua avó, que ia contra as ordens dos nazistas, dando de comer aos judeus e na figura de um senhor, ligado à resistência.

Então, em conjunto aos documentos que aos poucos foram sendo obtidos, até por via judicial, surge outra arma social, a história oral, os relatos armazenados na memória coletiva que despertam a história e a memória da sociedade.

E conseguindo seus objetivos, cada vez que Sonia lograva êxito, recebia homenagens que ela entendia como uma forma de silenciamento, como uma forma de trazê-la para o grupo dominante.

O filme finaliza com Sonia e sua filha sobre a *Árvore dos Milagres*, simbolizando que a dinâmica social é sempre construída, nunca deixa de existir e que os pedestres, também sempre existirão.

Conclusão

Assim, enfim, tem-se que o acervo arquivístico é fundamental para o planejamento das cidades, da sociedade e para a recuperação da memória coletiva e a história oral como o suporte dessa memória coletiva. E que o indivíduo, a partir do momento em que se entende como pedestre, passa a ser o cidadão capaz de fazer essa história e modificar sua realidade. Esse é o legado de Michel de Certeau, de Milton Santos, de Ramón, Cruz Mundet e de Verhoeven para os indivíduos e cidadãos.

Referências

CERTEAU, Michel de Certeau. *A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer*. 12.ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 202, 19, 177, 170, 18, 19.
FUGUERAS, Ramón Alberch & MUNDET, José Ramón Cruz. *Archivese – Los Documentos del poder*, El poder de los documentos. Madrid: Alianza Editorial, 1999.

SANTOS, Milton. "Por um Modelo Brasileiro de Modernidade", 05/10/2000, disponível em http://www2.correioweb.com.br/cw/2000-10-15/mat_12941.htm. Acesso em 13 ago. 2007.
VERHOEVEN, Michael. *Uma Cidade sem Passado*, Alemanha, 1989.